

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
EDUARDO SERRA “INTREPERTAR O TEXTO COM LUZ”
17 e 24 de julho de 2025

WHAT DREAMS MAY COME / 1998

(Para Além do Horizonte)

um filme de Vicent Ward

Realização: Vicent Ward / **Argumento:** Ron Bass (adaptado do livro com o mesmo nome de Richard Matheson) / **Direção de Fotografia:** Eduardo Serra / **Direção de Arte:** Christian Wintter, Jim Dultz, Tomas Voth / **Montagem:** David Brenner, Maysie Hoy / **Composição:** Michael Kamen / **Design de Produção:** Eugenio Zanetti / **Cenografia:** Cindy Carr / **Figorinos:** Yvonne Blake / **Coordenador de Efeitos Especiais:** Roy Arbosgast / **Animação:** Bernd Angerer, Daniel Loeb / **Casting:** Nina Henninger, Monika Mikkelsen, Kris Nicolau / **Interpretação:** Robin Williams, Cuba Gooding Jr., Annabella Sciorra, Max von Sydow, Jessica Brooks Grant, Josh Paddock, Rosalind Chao, Lucinda Jenney, Maggie McCarthy, Wilma Bonet, etc.

Produção: Polygon Filmed Entertainment, Interscope Communications, Metafilmics / **Produtores:** Barnet Bain, Stephen Deutsch, Aln C. Blomquist / **Produtor Executivo:** Ron Bass, Ted Field, Erica Huggins, Scott Kroopf / **Cópia:** 35mm, cor, legendado em sueco e eletronicamente em português / **Duração:** 113 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

A sessão de dia 17 tem lugar na Esplanada

O “outro lado” sempre foi, na arte, um poderoso motor de criação. Por ser “o outro”, define-se em contraste com o que conhecemos — mas também como prolongamento ou superação disso. Se quisermos ser platonistas, poderíamos vê-lo como uma versão menos imperfeita do *Uno* primordial, um lugar onde a alma, liberta das limitações do corpo, reencontra a sua verdadeira natureza. A forma de libertação é o abandono do corpo — e, portanto, a morte.

O cinema, por especificidades evidentes — da linguagem dramática à necessidade de identificação sensorial (não ignorando as características que regem o *médium*) — raramente optou, como o fez a pintura (de Malevich a Rothko), por um abstracionismo que procure tocar a essência pela via da ocultação ou subtração do reconhecível. Em vez disso, tem preferido encenar o “além” com formas familiares, emprestadas do mundo dos vivos — basta lembrar a escadaria monumental de **A Matter of Life and Death**, de Powell e Pressburger, que tão bem encarna o esforço de dar forma à transição para o desconhecido. Porque o “outro lado” é sempre incerto. É precisamente essa incerteza que o torna num espaço infinitamente potencial, surreal, logicamente irrepresentável — uma tela em branco... onde se projetam medos, desejos e fantasias de redenção.

Nesse sentido, **What Dreams May Come** trabalha esta temática antes a partir de certas lógicas do romantismo alemão, onde o invisível procura revelar-se por meio da emoção, da natureza transfigurada e da sugestão poética. Essa afinidade torna-se evidente quando uma das principais referências visuais do filme é a pintura de Caspar David Friedrich, talvez um dos mais celebrados pintores deste movimento. A vastidão silenciosa, os horizontes

vazios e as figuras solitárias diante da imensidão ecoam diretamente o imaginário romântico, em que o sublime é belo e aterrador, e a morte, mais do que fim, é passagem.

E ainda bem que assim o é, porque nos primeiros minutos do filme são mortos 3 personagens. Chris (Robin Williams) e Annie (Annabella Sciorra) conhecem-se por acaso num lago nos Alpes, apaixonam-se, casam, têm dois filhos que morrem num acidente de carro, depois, o colapso emocional de Annie, e, por fim, a morte de Chris, também ele vítima de um acidente rodoviário. Tudo isto poderia facilmente fazer prever um melodrama trágico, e, em certa medida, é-o. Mas é aqui que **What Dreams May Come** se transforma numa fantasia metafísica que justifica o experimentalismo visual que acaba por ser o trunfo do filme.

Chris — que pelos seus feitos em vida parece um merecedor de canonização — constrói seu paraíso pessoal a partir das paisagens criadas pela esposa, pintora, o que estabelece desde logo um elo entre amor, arte e transcendência. Esta concretização visual reforça a ideia platónica da alma como princípio moldador da realidade. O céu é uma pintura viva, o inferno um lugar de delírio mental. É neste segundo território — onde Annie cai, depois do suicídio — que Chris se lança, desafiando as “leis” espirituais para a reencontrar.

Chris é um Orfeu que vai em busca da sua Eurídice num lugar bem mais pictórico do que o mundo espelhado do **Orphée**, de Cocteau — que também viu, nas possibilidades técnicas do cinema, a capacidade de representar esse outro lado familiarmente estranho.

O trabalho de Eduardo Serra é fundamental para dar corpo a estes espaços — ora belíssimos, ora sufocantes — e foi inovador — juntamente com a enorme equipa a trabalhar nos efeitos especiais e visuais assim como animação — no uso de tecnologias digitais que misturam CGI com imagens reais manipuladas para parecerem pintura a óleo em movimento. Cada plano é composto como um quadro animado, dissolvendo as fronteiras entre corpo e imagem, matéria e espírito.

Para a American Society of Cinematographers, Vicent Ward terá dito "O Eduardo é muito metódico e exigente no que toca à luz. Consegue criar aquilo a que eu chamo 'experiências exóticas', sobretudo em ambientes mais pequenos. Pinta em tons, fotograficamente falando — subexpõe um elemento do fundo de forma muito precisa, dois ou três pontos abaixo — mas fá-lo com plena consciência de que esse elemento é uma parte importante do enquadramento, o que gera esse efeito muito estratificado, tipicamente europeu. Utiliza uma escala de cinzentos para medir cada parte do plano. E mesmo que certos elementos estejam subexpostos, fazem todos parte do 'quadro', por assim dizer. Por vezes, os objectos que estão dois pontos abaixo da exposição ideal são, na verdade, os aspectos mais importantes da imagem. Essa técnica cria uma espécie de unidade de ênfase."

Este filme, vencedor de um Óscar de efeitos visuais em 1998, é assim, apesar de todos os seus defeitos, pertinente pelo trabalho visual — e, portanto, mais do que relevante no contexto deste ciclo.

Tiago Leonardo